

A psicologia ancestral ensinando a educar hoje



Munduruku, Daniel
*O Banquete dos Deuses -
 Conversa Sobre a Origem
 da Cultura Brasileira.*
 São Paulo: Angra,
 1999, 126 p.

ZULA GARCIA GIGLIO

Doutora em Psicologia da Educação e pesquisadora do Centro de Memória/Unicamp-CMU

“As sociedades tradicionais são filhas da memória e a memória é a base do equilíbrio das tradições. A memória liga os fatos entre si e proporciona a compreensão do todo. Para compreender a sociedade tradicional indígena é preciso entender o papel da memória na organização da trama da vida.” (p 32).

Dividido em dez pequenos capítulos, este livro trata dos aspectos básicos de um processo educacional, sendo escrito do ponto de vista de um educador pertencente ao povo indígena Munduruku. Seu autor é um índio deste povo e há muitos anos dedica-se à tarefa de educar crianças e jovens; possui formação acadêmica convencional: cursou Faculdade (História e Psicologia), pós graduou-se (Antropologia Social), mantém atividades acadêmicas dentro e fora do Brasil e também envolve-se no trabalho de resgatar a cultura de seu povo e de outros povos indígenas do Brasil.

Daniel Munduruku inicia seu livro – o único que escreveu para adultos até agora – discutindo o valor da consciência da ancestralidade como elemento fundador do equilíbrio e da identidade. Defende a idéia de que não há felicidade sem identidade, a qual, por sua vez, não se completa sem ligações históricas e continuidades culturais.

Traz a complexa questão dos valores na educação, denunciando a mixagem e confusão de papéis reinantes na Escola e na Família e no âmbito de suas relações mútuas. Pela ótica do índio discriminado, fala e exemplifica o preconceito da civilização ocidental ao diferente, explicitando as representações do índio na cultura brasileira que contribuem para visões negativas do indígena no discurso da Escola, no livro didático. Por trazer ao leitor o duplo ângulo crítico – o do índio e o do cidadão que é – seu texto possui a argúcia necessária para provocar no leitor insights sobre comportamentos e concepções, permitindo uma compreensão simples e clara de quais são as urgências da Educação hoje.

Discorre depois sobre o papel da memória na organização da vida: como a memória (ancestral) confere significado e sentido às regras. Fala sobre como a Natureza pode ensinar a disciplina essencial à vida.

Explica a reverência pela terra entre os povos indígenas e os princípios de organização que esta reverência rege:

- 1) A visão da terra como mãe;
- 2) Todos os homens têm o mesmo caminho e o mesmo valor;
- 3) O mundo tem uma alma;
- 4) Existe uma gratidão essencial à Mãe Terra.

A manifestação desta gratidão é que faz o homem ser o banquete dos deuses. O comportamento harmônico e co-criativo do homem com seu meio e com seus pares é que gera a energia que mantém os deuses vivos e dispostos a investir na humanidade e em seu planeta... Esta é a metáfora da proposta indígena para nossa sobrevivência e felicidade, daí o nome do livro que explica com simplicidade o para quê da educação.

O Autor desenvolve em seguida a idéia da vida como teia, segundo a tradição do povo Munduruku: estamos – tudo e todos – interligados. Desta concepção emerge sua metodologia. O primeiro passo educativo é ouvir os jovens – ouvir seus sonhos – e ensiná-los a ouvirem a si mesmos. “(...) na sociedade indígena, educar é arrancar de dentro para fora (...)” – pág. 71.

A convivência estreita com os pais é, ela própria, o aprendizado do ambiente, das tarefas, de tudo que é necessário à sobrevivência. Todos participam: a vida da família é vivida integralmente por todos e é naturalmente que cada um se apossa do saber de todos, através dessa vivência partilhada.

Fala da mentalidade brasileira “conformista e transferidora de responsabilidades” (pág. 81), que leva a uma letargia de certa forma cultivada pelos mecanismos de difusão ideológica do Estado. Conta a história dos órgãos governamentais voltados para o índio e o efeito desastroso de sua política para as comunidades indígenas, desde os primeiros tempos

das expedições do Mal. Rondon até chegar à Funai dos anos 90. Comenta com indignação, mas também com serenidade, que a indiferença dos brancos pela dizimação dos povos indígenas tem a mesma raiz da letargia do povo diante dos desmandos políticos. Segundo o autor, em nossa sociedade as pessoas não perceberam que somos todos uma unidade, um organismo, cuja vida depende da interação responsável de cada parte do todo, por isto nossa sociedade padece ainda de tantos desequilíbrios.

Ele discorre sobre o respeito e prioridade concedidos às pessoas mais velhas – embora elas não sejam as detentoras do conhecimento, que é partilhado por todos na tribo. “*A ela (a pessoa mais velha) é dado o direito de ser mestre e de exercer a sua sabedoria*” (pág.92).

Fala da oralidade tão essencial à nossa cultura, herdada das influências índia e africana, e do poder da palavra, ferramenta do educador que o Autor considera como sendo ainda a essencial.

As referências bibliográficas são todas comentadas pelo autor no final. Com isto o leitor tem acesso a uma compreensão mais ampla do texto e das razões pelas quais as diversas obras foram citadas pelo escritor. Ainda, o leitor ganha uma orientação para eventuais leituras no âmbito da temática da obra.

O Banquete dos Deuses é uma leitura significativa especialmente porque o educador que a produz traz o ponto de vista de um grupo minoritário, sendo capaz de fazer com legitimidade uma crítica de dentro para fora de alguns princípios que têm regido a política nacional de educação. De forma bastante clara e com simplicidade, este livro provoca insights quanto a preconceitos mal adivinhados na cultura e a posturas hegemônicas destrutivas dentro do sistema educacional.